

Creches e escolinhas: um aprendizado de liberdade

Nelsa Amaral

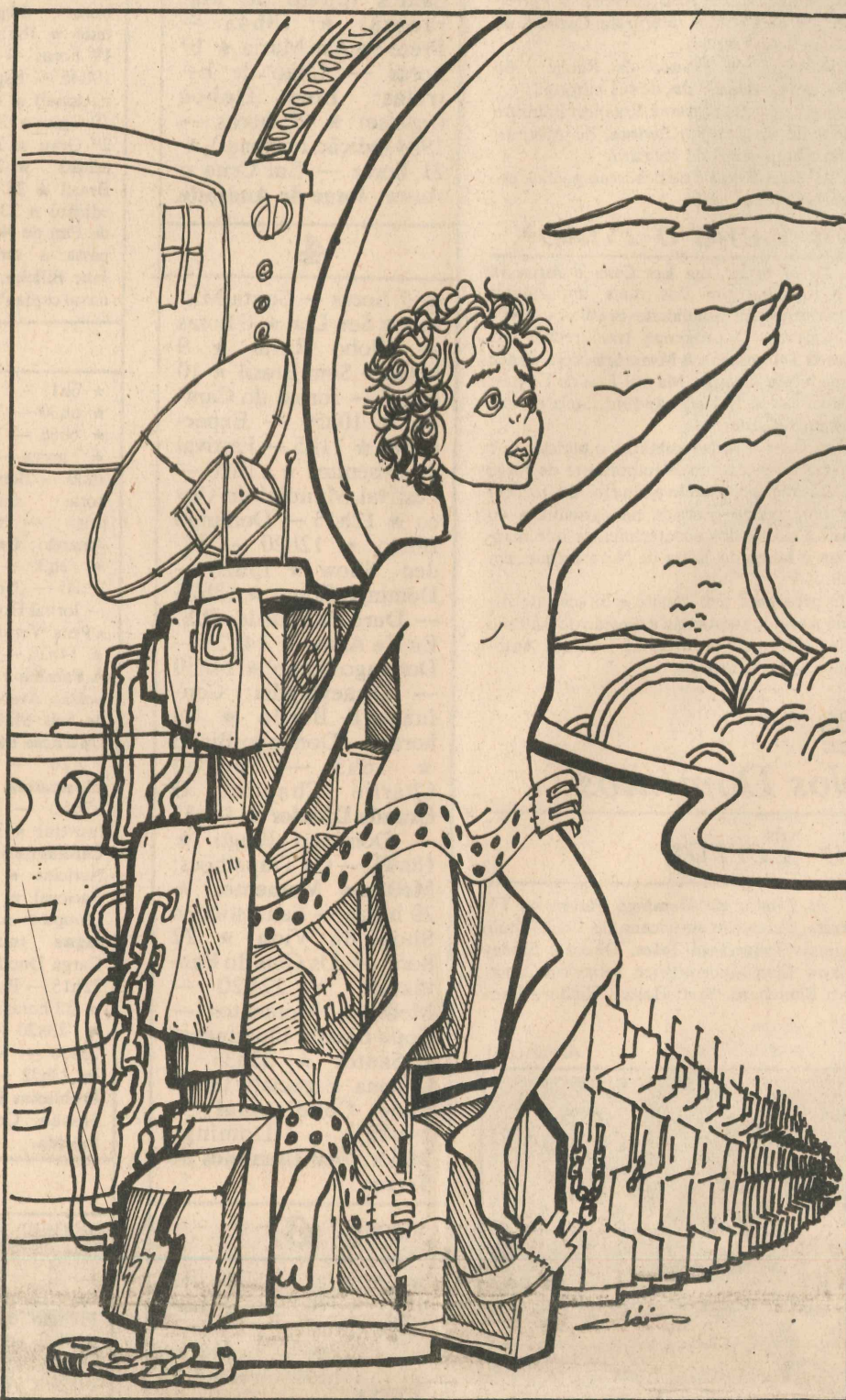
A emancipação da mulher na década de sessenta e o agravamento da crise econômica a partir da de setenta, têm modificado um velho hábito infantil: o de conhecer a escola somente entre os seis e sete anos. Se antes o convívio era praticamente com a vizinhança, hoje as crianças aprenderam a se relacionar com outras da mesma faixa etária, dentro de um sistema estabelecido com suas normas, regras e disciplinas.

Essa modificação, operada basicamente nos últimos dez anos, alterou também de forma substancial o comportamento infantil, até então acostumado a ter um círculo de relações limitado e em harmonia ao dos pais. As creches e jardins de infância se proliferaram. Até mesmo o sistema educacional foi modificado, hoje existindo Jardim de Infância I e II, além do Pré-Primário. Uma boa parte dos pais, apesar de não ter avaliado o que representou essa mudança nos hábitos dos seus filhos, garante que só é benéfico, já que a criança entra num processo de socialização mais cedo, ganhando seu próprio espaço dentro das escolas.

Longe de casa

As contradições de relacionamento, a carência afetiva e outros problemas de personalidade, na sua maioria são amenizados a partir do momento em que a criança passa a ter um círculo maior de amizades. Todos estão satisfeitos pelo fato de seus filhos ganharem auto-suficiência e segurança nas escolas. É claro, que cada estabelecimento tem suas regras e seus métodos próprios, mas, para a criança, o que importa é que passaram a conhecer outro mundo, além daquele formado pelos seus pais, avós e babás.

Tudo começou quando a mulher passou a ter um novo papel dentro da sociedade. Até então responsável pela educação dos filhos, a mulher ganhou seu espaço e foi viver sua vida também longe de casa. A sua ocupação extrapolou as quatro paredes domésticas e a mulher passou a ser um elemento



te. Conforme explicou sua mãe, Maria Luiza Izoton Santiago, Daniel passou por duas escolas diferentes, e ainda sente essa mudança. O Jardim de Infância I foi feito no ano passado no colégio A Cirandinha na Praia da Costa, e neste ano faz o Jardim de Infância II no Colégio Maristas, ambos em Vila Velha.

Por ser menor, A Cirandinha já abrigava número inferior de crianças e as atenções podiam ser maiores para cada criança. Já no Colégio Maristas, Maria Luiza observou que Daniel sentia essa diferença nos primeiros dias de aula. Bem maior e com número maior de crianças, Daniel passou a ser mais um entre os outros, "sem é claro, perder a orientação dos professores".

Essa observação foi feita, segundo ela, pois já havia verificado quando duas filhas gêmeas, Denize e Simone, também no Colégio A Cirandinha, passaram por situações semelhantes. Principalmente pelo fato de serem as únicas gêmeas da escola, foram o centro das atenções, o que segundo Maria Luiza, está refletindo atualmente.

Apesar disso, com Simone e Denise, que passaram cinco anos na escola — atualmente também estudam no Colégio Maristas — a experiência de ter "saído de casa" cedo está trazendo resultados positivos. Também com elas Maria Luiza tem observado maior responsabilidade. Quanto à socialização Maria Luiza garante que as gêmeas são desinibidas desde novas.

Excluindo o difícil processo de adaptação de Daniel que já está sendo superado, Maria Luiza assinala que seu comportamento e relacionamento com outras pessoas melhoraram sensivelmente após ter ido para uma escola. Basicamente não alterou muito entre os familiares, mas com outras pessoas evoluiu bastante. "Dentro de casa ele se sentia solto, mas fora de casa era um pouco inibido. Agora se relaciona bem em qualquer lugar".

Rejeição

Com Yuri Traspadini Batista, de quatro anos, a escola não foi muito

complementar e de apoio ao sustento da casa. Além da mulher, ganharam os filhos, que, mesmo forçados, conquistaram seu espaço também longe de casa.

Para crianças sozinhas, acostumadas a conviver com adultos, as escolas são alternativas bastante viáveis para viverem literalmente sua infância. São nas escolas que as crianças se livram dos condicionamentos eletrônicos, tipo televisão. Brincadeiras comuns e sadias são os entretenimentos para as crianças de menor idade.

Continuação da família

As escolas para crianças em idade pré-escolar têm basicamente a função de continuar o sistema familiar, sem contudo continuar com suas falhas. A criança deixa de ser o centro da atenção como o é em casa e passa a ser mais um elemento dentro do conjunto de alunos. De acordo com Sonia Pinto de Oliveira, especialista em psicologia infantil, a ida da criança para a escola cedo só lhe traz benefícios.

Além da socialização ser mais cedo e de uma forma mais adequada, a criança entra num processo de adaptação e aprende a processar as suas próprias dificuldades. Além disso, na escola, a criança adquire seu próprio espaço e aprende a avaliar também o espaço dos outros, principalmente o dos pais. Sente-se mais segura e mais independente, ou seja: "Livra-se das barras da saia da mãe".

Quanto mais cedo a criança sair de casa e vai para uma escola, ela aprende a dividir as coisas, garante Sonia Oliveira, além de saber superar suas inseguranças. Apesar de não haver nenhum estudo no Brasil, pesquisas realizadas na França e Alemanha, comprovam a tese defendida pela psicóloga. Também lá foram constatadas melhorias no comportamento da criança, tanto entre familiares como entre seus amiguinhos. O futuro das crianças e a segurança diante do mundo também foram considerados nas pesquisas que viram nas escolas um dos fatores para essa conquista.

Normalização

Conforme explicou a psicóloga, a escola desempenha outro papel: de normalizador das diferenças existentes entre os sistemas familiares. Em cada família um sistema educacional é utilizado e nas escolas essa diferen-

ciação é anulada no momento em que a educação é sistemática para todos, indistintamente. Com isso a criança aprende a fazer distinções nem sempre possíveis dentro de casa.

Mas um dos benefícios maiores dessas escolas, como disse Sônia Oliveira, é que a criança vai conquistando um grupo e consequentemente uma vida própria, longe dos pais, avós, ou babás. Esse aprendizado, adquirido nas escolas e creches, só vai fazer evoluir o comportamento da criança diante de outros tipos de relacionamento.

Tudo isso vai depender, é claro, da escola. Quem pensar que escolas menores, "selecionadas", são as melhores para as crianças, se enganou. Não que sejam ruins, mas somente são boas até o momento em que a criança permanece na escola. Explicando melhor, essas escolas costumam continuar com falhas existentes dentro de casa. As superproteções comuns a muitas mães não são raras nessas escolas. Devido ao pouco número de alunos as atenções podem ser maiores para cada criança.

De acordo com Sonia de Oliveira, a criança precisa aprender que é mais uma dentro de um grupo, sem atenções especiais porém com seu lado emocional em constante observação, já que a criança nesse processo de adaptação pode apresentar algumas reações. Mais do que atenções, garante a psicóloga, a criança precisa de tranquilidade e segurança para se adaptar ao novo sistema.

Reações

Não é muito fácil para as crianças deixarem o convívio familiar e frequentarem uma escola, principalmente em idades inferiores a quatro anos. Por isso, algumas crianças costumam apresentar algumas reações nos primeiros dias que frequentam a escola ou a creche. São reações naturais, garante Sonia de Oliveira.

— A apresentação de alguns sintomas, como vômitos e outros, na verdade são reações sadias. Mostram que a criança está viva e sente. Seu corpo está falando e isso só vem mostrar que ela está se adaptando. Muitas mães tiram a criança da escola, achando que a adaptação não se dará, mas é um erro. É preciso dar tempo à criança, deixar ela própria processar suas dificuldades e se reajustar. É hora da mãe dar segurança e tranquilidade — disse a psicóloga.

Frequentemente muitas mães são quem repassam a insegurança aos

filhos quando os levam para as escolas. Depois de uma superproteção em casa, muitas delas simplesmente "abandonam" seus filhos nas escolas. Segundo Sonia de Oliveira, às vezes, e isso vai depender da criança, é preciso que a mãe acompanhe o processo de adaptação do filho na escola.

Já que as crianças não possuem noções de tempo, o fato de ser deixada nas escolas por tempo "indeterminado" pode provocar-lhe insegurança e até aversão à escola. "Já tive oportunidade de ver crianças chorando do lado de dentro do portão e mães chorando do lado de fora. Isso só aumenta a insegurança da criança", atesta Sonia. A tranquilidade então, é um dos fatores básicos para o processo de adaptação da criança. Com ela, a criança adquire segurança e confiança.

Além dos pais, ou responsáveis, a escola necessariamente precisa saber avaliar o lado emocional da criança, principalmente de alunos que estão frequentando a escola pela primeira vez. Se ela for incapaz de perceber isso, a experiência pode se tornar desagradável para as crianças.

Uma diversão

Apesar de todos os fundamentos psicológicos e sociológicos, depois de adaptadas as crianças se divertem e as escolas passam a se transformar num lugar agradável. Giuliana Guizzardi cinco anos, estuda no Colégio Passionista, em Jardim América, pela segunda vez. Fez o Jardim de Infância II e agora o Pré-Primário, já no início de sua alfabetização. Segundo sua mãe, a funcionária pública Maruza Guizzardi, o comportamento de Giuliana sofreu mudanças agradáveis depois que começou a frequentar a escola. Além de uma diminuição razoável de sua antiga timidez, Giuliana se tornou mais independente, responsável e socializada. No colégio, garante sua mãe, aprendeu a processar suas dificuldades de relacionamento com outras pessoas e começa a se tornar mais independente.

No colégio é feita uma iniciação religiosa, mas é opcional. As crianças, filhas de pais não católicos, se quiserem podem ser dispensadas. Algumas influências adquiridas com as novas amizades foram observadas mas, como disse, dentro da normalidade e superáveis. "A gente conversa muito e as dúvidas são tiradas", justificou.

Com Daniel Izoton Santiago, de três anos, a experiência está sendo diferen-

te. Quando criança, a escola não foi muito agradável — talvez nem por sua culpa, como acredita sua mãe, Tânia Traspadini Batista. Morando em Araçás, e estudando na escola A Cirandinha, Yuri passava muitas horas dentro de um ônibus.

— As vezes ele passava quase três horas andando de ônibus depois que saía da escola. Como morava longe era um dos últimos a ser entregue e quando chegava em casa já estava cansado. Ele gostava da escola mas ao mesmo tempo não queria ir para lá — disse Tânia, ainda sem saber se este ano irá matriculá-lo.

A rejeição da criança para com a escola pode ser provocada por muitos fatores, segundo a psicóloga Sonia de Oliveira. Insegurança e falta de tranquilidade muitas vezes até transmitidas pelas próprias mães, podem ser as verdadeiras causas. Por isso a psicóloga volta a enfatizar que é preciso dar à criança confiança e tranquilidade.

— Muitas mães deixam seus filhos na escola e saem escondidos deles. Pensando que estão poupando uma dor na criança, na verdade elas frustram as relações de confiança entre ela e seu filho. A criança deixa de ter confiança na mãe e acha que está sendo enganado. Esse sentimento pode dar uma sensação de abandono na criança.

— A mãe deve sempre conversar com seu filho e procurar fazê-lo entender que você está deixando ele ali com tranquilidade e que irá buscá-lo mais tarde. Sair correndo ou escondido nunca. Deixar a criança segura a tornará mais apta a processar a sua adaptação no novo ambiente e a escola então passará a ser um lugar para onde a criança gostará de ir. Ela se sentirá mais independente, e mais socializada — prosseguiu Sonia de Oliveira.

Problemas de personalidade dificilmente são agravados em crianças que frequentam escolas ou creches, segundo a psicóloga. Na sua maioria a criança quase sempre aprende a superar suas dificuldades de adaptação e socialização depois que vão às escolas. Sonia de Oliveira, explica que quanto mais cedo ela sai de casa, mais fácil será o processo de adaptação num novo ambiente, pois aprende a adquirir confiança dentro de um outro grupo que não seja o familiar.

Na saída do Colégio Maristas, de segunda às sextas-feiras às cinco da tarde, inúmeras crianças, em idades que variam dos três aos seis anos, saem com suas pastas, merendeiras e mães ou babás a tira-colo. "Amanhã tem mais", disse uma mãe a sua filha. "É sempre assim, depois que eles gostam da escola, tudo que se passa lá eles contam em casa e ficam torcendo para que chegue o outro dia", disse Maria Luiza Santiago.